

O TEMPO É CHEGADO: A MEMÓRIA COMO MEIO DE PRODUZIR E PRESERVAR IDENTIDADES

Rita Lírio de Oliveira (UESC)
www.ritalirio.com / rita_lyrio@hotmail.com

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Netto Simões (UESC)
mlnsimoes@pq.cnpq.br

RESUMO

Este artigo tem por escopo analisar o processo de construção da identidade cultural grapiúna, por meio da memória, nos contos de Euclides Neto, reunidos no seu livro *O tempo é chegado*. Para tal, tomando por aporte teórico as noções de memória coletiva, propostas por Maurice Halbwachs, e de identidade cultural, propostas por Stuart Hall, o texto identifica elementos da memória coletiva e perfis identitários, e analisa os processos de produção e preservação das identidades do universo da obra. O trabalho, focando uma questão local, pretende contribuir com o debate acerca das questões culturais contemporâneas sobre Memória e Identidade Cultural.

Palavras-chave: Literatura, Identidade Cultural, Memória, Euclides Neto.

ABSTRACT

This article has as scope analyzing the process of construction of *grapiúna* cultural identity, through the memory, in Euclides Neto short stories, collected in his book *O tempo é chegado*. In order to reach that, it was taken as theoretical grounding the notions of collective memory, proposed by Maurice Halbwachs, and of cultural identity, proposed by Stuart Hall, the text identifies elements of collective memory and identity profiles, and analyzes the production and preservation processes of identities of work's universe. The work, focusing a local question, intends to contribute with the debate about contemporary cultural questions of Cultural Identity and Memory.

Keywords: Literature, Memory, Cultural Identity, Euclides Neto.

INTRODUÇÃO

Na década de 1930, passou a vigorar na Literatura Brasileira o romance regional, caracterizado pela preocupação dos escritores de utilizarem as narrativas para denunciar a realidade atroz e de miséria em que vivia, principalmente, o povo nordestino. A onda regionalista dominaria, assim, a ficção da segunda geração modernista.

Com esteio no romance regional romântico e no Realismo, ambos ainda do século anterior, o romance regional modernista retoma, do primeiro, o interesse por retratar o contato entranhado dos seres humanos com o ambiente em que vivem, e, do segundo, a perscrutação das relações sociais. Todavia, o romance de 1930, por sua vez, abandona a idealização romântica e a impessoalidade realista, a fim de apresentar uma visão crítica do convívio social entre os homens e da influência do meio sobre eles.

As narrativas regionalistas ou neo-realistas se caracterizam pela abordagem da realidade distinta de determina região e suas especificidades geográficas, humanas, sociais, econômicas e culturais, retratando fielmente, sobretudo, a vida sofrida e injusta que martiriza o indivíduo, bem como o seu aprisionamento e a sua subordinação ao meio, tudo isto como modo de dar início à transformação dessa realidade inclemente.

Foi sob esse modelo do romance da terra que escritores como Jorge Amado, Adonias Filho e muitos outros, compuseram o ficcionismo da região cacauera sul-baiana, descrevendo gente, costumes e paisagens que a identificavam sobremaneira; assim, desde o ciclo do cacau, asseguraram o lugar da literatura dessa região no panorama da Literatura Brasileira.

Dentre os autores regionais, este artigo destaca Euclides Neto e sua ficção em forma de contos, reunidos n'*O tempo é chegado*, obra lançada postumamente em 2001, que surge contemplando o painel cultural e social sul-baiano erigido em volta do cacau, o *fruto de ouro* – arquétipo fundante de uma literatura peculiar.

A maioria dos escritores regionalistas baseou-se no conhecimento pessoal da realidade que buscou retratar. Igualmente, Euclides Neto – que viveu no município baiano de Ipiauí – valendo-se da realidade regional que ele conheceu, haja vista ter nascido e crescido à sombra dos cacauais e jequitibás, soube desenvolver o seu discurso literário por sua sensibilidade diante das coisas que viu e viveu, bem como pela memória, entendida como uma reconstrução que toma por referência os contextos sociais locais.

Vale ressaltar que o autor grapiúna, além do livro anteriormente mencionado, publicou várias obras, dentre elas, merecem destaque *Os Magros* (1961), *O patrão* (1978), *Os Genros* (1981), *Um prefeito, a revolução e os jumentos* (1983), *O Menino Traquino* (1994), *A Enxada* (1996), *Dicionareco da Roças de Cacau e Arredores* (1996), *Trilhas da Reforma Agrária* (1999).

Isso posto, este artigo pretende analisar a obra *O tempo é chegado*, baseando-se nos princípios da memória, como processo de construção e preservação da identidade cultural sul-baiana, notadamente a região cacaueira, por meio dos acontecimentos, personagens e lugares imbricados na narrativa de Euclides Neto.

MEMÓRIA: PRODUÇÃO E PRESERVAÇÃO DE IDENTIDADES

Para Woodward (2000, p. 12) a “redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade, uma vez que é por meio dos antecedentes históricos que as identidades também se estabelecem”. Isto significa que a simples busca de elementos do passado para afirmar identidades, pode produzir novas identidades.

Já Hall (2005, p. 56), reportando-se ao discurso da cultura nacional, estabelece que tal discurso “constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro, equilibrando-se entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade”, numa clara tentativa de se restaurar identidades passadas.

Com base nesses entendimentos, este estudo enfoca as noções de memória, entendida como processo que viabiliza a percepção e a possibilidade de se construir a identidade cultural, num movimento do presente para o passado. As premissas elaboradas pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs acerca da memória, norteiam este estudo, notoriamente compiladas na sua obra *Memória Coletiva*, publicada postumamente em 1950.

Referindo-se ao termo *lembrança*, Halbwachs (2006, p. 91) afirma que esta é “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. Esta definição permite perceber que o autor toma como ponto de referência do seu estudo os contextos sociais reais, a fim de explicar como se dá o processo de reconstrução que é a memória, tendo por questão central estabelecer a distinção entre o que denomina *memória individual* e *memória coletiva*.

A princípio, entende-se a memória como um fenômeno individual, ou seja, próprio da pessoa. Todavia, Halbwachs assinala que a memória deve ser também entendida como um fenômeno coletivo ou social, que é construído coletivamente e sujeito a constantes transformações.

O historiador austríaco Michael Pollak, por sua vez, afirma que os elementos constitutivos da *memória individual e coletiva*, “em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, [...] acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 201, grifos do autor).

Este entendimento leva Halbwachs a afirmar que a impressão do indivíduo pode se basear tanto na própria lembrança, quanto nas lembranças de outros, ocasionando maior confiança na exatidão da sua recordação, pois, recordando-se em comum, os fatos assumem maior importância. Isto porque os indivíduos acreditam estar revivendo-os com maior intensidade, ainda que cada um, individualmente, evoque o que é lembrado em circunstâncias diversas, embora relacionadas aos mesmos eventos. As lembranças permanecem coletivas e a todo instante são lembradas pelos outros, já que nenhum indivíduo está só. Desta forma, para Halbwachs, há uma hierarquização da memória coletiva em detrimento da individual, a qual é constituída a partir da primeira.

Para Halbwachs, não é preciso que as pessoas estejam presentes materialmente, pois “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p.31).

O teórico esclarece que as “imagens” transformadas em lembrança e impostas pelo coletivo modificam a impressão do indivíduo acerca de determinado fato. Todavia, tais imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, sendo a lembrança individual a mais exata. Da mesma forma, inversamente, a lembrança coletiva poderá ser a mais exata, ajudando a corrigir distorções da lembrança individual, concomitantemente se incorporando a esta.

Em dado momento da sua abordagem, Halbwachs questiona se a memória individual, diante da memória coletiva, é suficiente para recordar e reconhecer uma lembrança, asseverando, em seguida, que não, uma vez que é fundamental haver a participação e a concordância do indivíduo a respeito da memória que o grupo mantém. Igualmente, não basta que ao indivíduo sejam apresentados os testemunhos dos outros. Sem a

concordância individual, a lembrança recordada não será reconstruída numa base comum, porque

não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Noutras palavras, para Halbwachs a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, haja vista que, em geral, o indivíduo recorre às lembranças de outrem para evocar seu próprio passado. Recorre, assim, a referências extrínsecas, determinadas invariavelmente pela sociedade, como palavras e idéias que o indivíduo “toma emprestado” do ambiente em que vive, bastando que as lembranças do grupo tenham alguma relação com os acontecimentos que constituem o passado desse indivíduo. Ressalta-se, todavia, que memória individual se baseia naquilo que é visto, feito, sentido e pensado pelo indivíduo em determinado momento do tempo, a qual não se confunde, por isso, com as lembranças coletivas.

Sob outro aspecto, a memória individual está estreitamente limitada no espaço e no tempo, o que ocorre com a memória coletiva, entretanto com esta, os limites podem tanto ser mais estreitos quanto mais distanciados.

Halbwachs, assim, distingue duas memórias, sob as seguintes nomenclaturas: uma *interior* ou *interna* ou *pessoal* ou *autobiográfica*; outra, *externa* ou *social* ou *histórica*. Como a história do indivíduo pertence à história em geral, a primeira é auxiliada pela segunda. Não obstante, enquanto a primeira se refere a um passado mais contínuo e denso do indivíduo, a segunda representaria um passado mais resumido, assumindo um caráter mais extenso.

O sociólogo francês utiliza essa distinção como intróito do segundo momento de sua obra, ocupando-se em estabelecer a distinção e as relações entre *memória coletiva* e *memória histórica*. Para ele, a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no tempo e no espaço e se apóia na história vivida, e não na história aprendida, sendo a história entendida não como “uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos

apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2006, p. 79), até porque a história não é todo o passado, muito menos representa tudo que resta dele.

Halbwachs (ibid., 100-1) preocupa-se em afirmar veementemente que

a memória coletiva não se confunde com a história e que a expressão *memória histórica* não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la.

Depreende-se, então, que pertence a uma minoria a história que deseja examinar amiúde o detalhe dos fatos, bem como se extrai muito pouco da história que pretende conservar a imagem do passado de acordo aos interesses das sociedades. Enquanto a memória coletiva se distingue por não ser artificial, retendo do passado apenas “o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p. 102).

Como esta análise atenta-se para uma produção literária, necessário se faz relacioná-la com as noções de memória até aqui explicitadas. Além dos *acontecimentos*, a memória também é constituída por *personagens*, entendidas como aquelas que são encontradas ao longo da vida ou as que não figuraram necessariamente na relação de espaço e tempo do indivíduo, e *lugares*, entendidos como espaços ocupados na memória que remetem a lembranças que podem ser pessoais e não necessariamente vinculadas ao tempo cronológico, muito embora marcantes para o indivíduo. Lugares longínquos, que não estão ligados diretamente à noção de tempo-espaço, também servem de apoio da memória do grupo assimilada pelo indivíduo, seja “por tabela” ou pelo sentido de pertencimento que este tem por aquele.

Esses critérios da memória – acontecimentos, personagens e lugares – podem estar tanto fundamentados em fatos concretos quanto em projeções do real. Seja como for, a memória, individual ou coletiva, caracteriza-se por ser seletiva, ou seja, nem tudo é registrado ou gravado por ela.

Esta é a chave para se estabelecer uma relação entre memória e as narrativas compiladas na obra euclidiana *O tempo é chegado*. Benjamin (1994) tratando sobre o papel do

narrador, diz que o emprego de uma concisão sóbria facilita sobremaneira a memorização das narrativas, uma vez que

quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Fica claro que Benjamin direciona seu pensamento à arte de narrar e de transmitir as experiências referentes à tradição oral, razão pela qual fala em “ouvinte”. Mas isto não obsta relacionar a sua premissa à narrativa de Euclides Neto n’*O tempo é chegado*, razão pela qual Seixas (2004) diz que ela transita nos espaços em que atuam a Literatura e a História, “onde a arte de narrar mira mais os ouvidos do que os olhos, a experiência cotidiana e o saber comunicável transitam e se realimentam nos interstícios dos sujeitos do discurso, onde quem ensina aprende e o aprendizado é uma ensinança” (SEIXAS, 2004, p. 1).

N’*O tempo é chegado*, é possível perceber que a todo tempo a narrativa se pauta nas reminiscências do autor, nascido à sombra dos cacauais grapiúnas. Se a luta de classes é a sua insistência literária (o *leitmotiv*), o auge e o ocaso da região são a base da lembrança de um período que o próprio escritor viveu e do qual muito ouviu contar, ou seja, tanto a base da sua memória individual quanto da memória coletiva do grupo que ele fez pertencer, projetando suas experiências nas personagens.

Estas noções de memória permitem abordar dois contos do livro: *O tempo é chegado* e *A rica fazendeira de cacau*. Ambos narram as reminiscências de duas mulheres que tanto viveram os tempos áureos do *fruto de ouro* como os dissabores de um povo que se fiou a utópica perenidade de uma monocultura. Duas mulheres, uma viúva e outra enlouquecida, ante a derrocada da região cacauera.

No primeiro conto, narra-se o povoamento da região por diversos tipos humanos vindo de todos os lugares, atraídos pela região auspiciosa; a reação vingativa da natureza, na forma da inclemente vassoura-de-bruxa; as dívidas; a loucura e a viuvez dos outrora abastados; a procissão arrastada dos que abandonaram o lugar; os sem-terra e suas lonas pretas em luto. “Foi o que a viúva do Dr. Santos viu e se lembrou quando sentou-se no batente da varanda, chegada numa boléia de caminhão que o antigo exportador de cacau, amigo do seu marido, arranjava para ela voltar à fazenda” (NETO, 2001, p.12).

Sul-baiano, nascido em 1925, Euclides Neto pôde exercitar já como escritor e político o seu socialismo engajado e voltado às questões fundiárias da região cacauzeira, marcada pelos anos de auge e derrocada econômicos do *fruto de ouro*, razão pela qual a sua produção literária revela-se tão enraizada com a conjuntura social, política e econômica daquela época.

O tempo é chegado é uma obra ficcional baseada na rememoração do passado, a partir do presente do autor, cuja memória individual está intrinsecamente interligada à memória coletiva do grupo social do qual pertencia. A reconstrução do passado se dá a partir dos quadros sociais do presente, os quais tornam válida a memória, reconhecendo no autor, dado seu “passado familiar” à região, a “memória afetiva” advinda dessa herança local.

Sob outro aspecto, Euclides não se preocupa em utilizar a sua narrativa como um mero quadro de sucessão de datas, que, definitivamente, não reproduz memórias coletivas em si, nem interessa à ficcionalização buscada. O segundo conto citado, *A rica fazendeira de cacau*, permite perceber esse distanciamento do autor. Apenas a descrição apurada da vida em movimento permite situar a época e o lugar: “Dona Agripina escavaiava garbosa no seu cavalo pedrês. Nos tempos antigos de silhão. Mulher não podia montar de pernas abertas feito homem. Muito menos vestir calça para tal imoralidade” (NETO, 2001, p. 21).

A rica fazendeira, como se vê, é d. Agripina, mulher garbosa que pôde gozar dos prazeres e luxúrias proporcionados pelo cacau nos tempos áureos. Euclides muito bem soube arquitetar sua narrativa, deveras sensual, na sucessão de acontecimentos da protagonista. A vida boa da fazenda, as viagens ao Sudoeste e à Europa, a compra de frivolidades, o rabicho proibido atrás das moitas, o gozo da fortuna. Até que o conto revela uma espécie de *punch line*, um súbito revés, tal qual sucumbiu economicamente a região cacauzeira. Tais acontecimentos, na verdade, eram lembranças de uma senhora louca e decrépita, andando a esmo na estrada, até ser reconduzida por uma assistente social para o Abrigo das Velhas.

Agora voltava a lembrar dos derradeiros tempos. O enterro do marido, o inventário das fazendas, cacau afundando no preço, vassoura de bruxa comendo as roças. Os bancos, ciganos, exportadores levando o resto. Antes já tinham ido os ouros, platinas, casa de morada, gado nas fazendas de criação no Gongogi. Os meninos, por esse mundo de meu Deus. Em Beira Rio, somente um, carregado de filhos, empregado de fazenda. Duas filhas largadas, vendendo perfume barato e os últimos dotes de carne que restavam nelas (NETO, 2001, p. 24).

Euclides Neto, na sua arte de narrar, empresta as suas reminiscências às personagens e promove a construção da identidade cultural da região cacauzeira sul-baiana, por meio da ação da memória coletiva e do imaginário social, haja vista serem obras de ficção. Entretanto, é o imaginário social quem preenche simbolicamente a construção da memória coletiva, legitimando-a. Por outro lado, vale lembrar que as lembranças são imagens construídas por meio de representações que ocupam a consciência atual. Isto significa dizer que as lembranças de fatos passados, ainda que sejam bem nítidas, não correspondem às mesmas imagens que no presente são experimentadas.

MEMÓRIA COLETIVA: CONSTRUTOS DE IDENTIDADE

Uma vez abordados os aspectos da memória na construção e preservação de identidades, e, num segundo momento, relacionando-os à obra euclidiana *O tempo é chegado*, enfoca-se agora os aspectos específicos sobre identidade cultural, a fim de complementar o entendimento. Isto porque, como já foi dito, este artigo se propõe a analisar o romance *O tempo é chegado* à luz de premissas sobre memória e identidade cultural, uma vez que estas se relacionam quando a memória, de caráter coletivo, possibilita a construção da segunda. Para tanto, torna-se necessário também a conceituação de identidade cultural.

Hall (2005) preceitua que as culturas nacionais – compostas de instituições culturais, símbolos e representações – constroem identidades toda vez que produzem sentidos sobre a nação (comunidade simbólica). Tais sentidos possibilitam as identificações humanas, influenciando e organizando as ações e a concepção que as pessoas têm de si mesmas; são obtidos justamente por meio das narrativas contadas sobre a nação, da memória que entrelaça o presente com o seu passado, e das imagens dela construídas.

Mais especificamente, entende-se por identidade cultural o conjunto de traços psicológicos, como o modo de ser, sentir e agir, próprios e exclusivos de um grupo, que o individualiza e o identifica, além de ser uma prática sócio-cultural em que tal grupo produz discursos sobre si mesmo. Todavia, Stuart Hall alerta que o sujeito, que outrora possuía uma identidade unificada e estanque, está se tornando fragmentado e constituído de várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas. Conforme afirma,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e

cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005. p. 13)

Neste ponto, Maffesoli (1998) ensina que, no paradigma pós-moderno, ocorre o processo de desindividualização, na qual o indivíduo não se acha exclusivamente em si mesmo (como tipicamente preceituava a modernidade), uma vez que a multiplicidade do eu induz a ambiência comunitária, enquanto a pessoa (*persona*) só existe quando são estabelecidas relações com o outro.

Noutras palavras, a identidade do sujeito não é definida biologicamente, mas historicamente, haja vista que ele assume identidades distintas em diferentes momentos da vida, à medida que é interpelado e representado, seguindo o próprio curso das sociedades modernas, também em constante, rápida e permanente mudança.

Por outro lado, considera-se que a identidade cultural une determinado grupo em torno de uma visão histórica semelhante, que contempla passado, presente e futuro, dando a esse grupo um sentido de pertencimento. Isto porque, ainda que o indivíduo não tenha participado da construção da identidade e não tenha partilhado vivências e memórias, ele poderá construir e partilhar de um sentido de pertencimento, por meio das instituições culturais, dos símbolos e representações da qual deseja fazer parte, tornando-se, como ser histórico, herdeiro desse patrimônio cultural.

Seja como for, Hall, tratando de cultura nacional, indaga sobre as estratégias representacionais que podem ser formuladas para construir o senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional. Dentre os elementos principais que ele enumera dos muitos aspectos que uma resposta abrangente incluiria, destaca-se *a narrativa da nação* advinda das histórias e literaturas nacionais, da esfera midiática e da cultura popular, preceituando que

essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2005, p. 52, grifo do autor).

Pensando sobre tais aspectos e projetando-os na obra euclidiana, bom exemplo é a narrativa que dá título ao livro, o conto *O tempo é chegado*, por meio do qual Euclides Neto

apresenta ao leitor uma gama de informações acerca da gênese *grapiúna*¹, cujos elementos, humanos e naturais, são os constituintes da sua identidade cultural, revelada por meio das reminiscências de uma viúva fazendeira decadente:

Antes, os índios, nas liberdades da criação. Chegaram os caçadores. [...] Muitos foram ficando por ali, abrindo clareira, levantando a casa de taipa, indaiá, chão socado. Sementes no útero da terra alvoroçada. Trilhas saindo daqueles brongos, procurando os pareceiros. Mandioca, cana, fumo, café. Cacau chegando. [...] Suor de homens escorrendo pelos eitos. Mulheres morriam de parto, homens esmagados sob as derrubadas dos machados, o pico-de-jaca matando meninos que metiam a mão nos ocos para tirar bugueiros de periquito. Cruz nas encruzilhadas, testemunhando a despedida também dos que iniciaram a luta para tomar o trabalho do outro. A natureza sempre lutando contra o inimigo cruel, vingando-se com as forças telúricas, impiedosamente (NETO, 2001, p. 11).

Assomaram a essa realidade, os bodegueiros, que também vinham de fora, farejando o *fruto de ouro*, que trocado por mercadorias, proporcionou-lhes se tornarem fazendeiros; “os primeiros”, que já haviam domado a terra, tornando-se agregados dos fazendeiros, vendendo-lhe a força dos braços; os doutores, que chegaram para mandar nos povoados e se refestelarem na luxúria daqueles anos gordos; e, por fim, os sem-terra, que, no ocaso trazido pela vassoura-de-bruxa, cobriam a terra abandonada com “lonas pretas do luto de uma era que se extinguia” (NETO, 2001, p. 12).

De uma forma mais abrangente, Simões (1998) explicita que os *coronéis* fazendeiros, os jagunços e os ruralistas dos tempos áureos do *fruto de ouro* – precisamente os anos 30 do século passado – compuseram o painel humano da sociedade do cacau, por meio de seus costumes, crenças e credices, construindo, desta forma, padrões da identidade *grapiúna*, que ultrapassaram as décadas.

Retoma-se o conto *A rica fazendeira de cacau*, para agora ser utilizado como um bom exemplo da maneira como “a vida se dava” em terras *grapiúnas*:

Ah! A fazenda. Estava perto, já na divisa. Amarraria o pano na cabeça para fazer beiju de toda vicissitude, vadiar de meter a mandioca no rodicho, só pra dizer que

¹ Segundo o Dicionário Aurélio, o termo, como substantivo, refere-se ao habitante da região cacauceira do Sul da Bahia; como adjetivo, diz-se dele, de seu modo de vida, de seus hábitos, etc., bem como representa a região do Sul da Bahia. Sobre a etimologia, Neto (2002, p. 63), esclarece que o verbete de origem guarani pode significar “pássaro preto e branco” → *guirá* = *gra* por aglutinação = *pássaro* + *pi* = *branco* + *una* = *preto*) ou o verbete poderia advir de “*Igra* (*Ygara*) = *canoas* + *piuna* (*py-una* = *casca* *preta* de uma árvore da família das *mirtáceas*) = *Grapiúna*”.

ainda sabia cevar como antigamente. Tomar café quente na boca do forno, cessar massa, apurar goma. E fazer bolo na cozinha grande de fogão a lenha de baitinga. Bater ovos na puçulana esmaltada. Assar no forno do quintal. Preparar rabada de vaca gorda com verdura. Geléia de cacau. Infusar licor de jenipapo, cajá, tangerina, vinho de laranja. Comer jaca dura. (NETO, 2001, p. 22)

Esse excerto da narrativa euclidiana revela uma série de elementos que constroem a identidade cultural grapiúna. Afinal, a narração de uma trivial, porém singular, prática de costumes, representa o que seja a região cacauzeira sul-baiana, dá sentido à sua identidade, tornando-a um próprio foco de identificação para a sua gente. Isto porque, para Hall, o conceito de identidade se refere diretamente à relação do indivíduo e o seu lugar na sociedade em que vive, de que maneira ele se reconhece e é reconhecido, afinal “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade.” (HALL, 2005, p. 11)

Hall alerta que, nos dias hodiernos, as noções de territorialidade são quebradas, prevalecendo o sentido de pertencimento ao de território. De todo modo, depreende-se que cada indivíduo se forma e se reforma a depender do contexto vivido. Ao mesmo tempo em que ele marca a sociedade em que vive, é influenciado por sua ambiência histórica, social e cultural. N’*O tempo é chegado*, os contos *Retrato de general* e *A descoberta* ilustram bem a relação entre o indivíduo e o ambiente em que vive.

A narrativa conta a história de Hermógenes Caldas Verdes, que saiu da sua pequena cidade, ainda rapazote, pois “sonhava com horizontes de astronauta” (NETO, 2001, p.15), retornando, anos depois, como herói de guerra. “A cidade, que deixara acanhada, duas ou três ruas compridas, beirando ou paralelas ao Rio de Contas, crescera: novos bairros, casas comerciais e bancos, clubes, antes inexistentes” (NETO, 2001, loc. cit.). Porém, ao regressar, afamado e cortejado socialmente, encontra a cidade e a região em estado de penúria, devido à derrocada das lavouras de cacau. Outorgaram-lhe o título de “magnífico”, pois “general” já era insuficiente, enquanto as moçoilas, outrora nababas, suspiravam pelos seus galões.

Isto porque a ruína econômica do cacau provocou uma dinâmica identitária na região, haja vista que a busca por novas alternativas econômicas causou uma crise identitária numa região, até então, calcada na monocultura do cacau. Vale lembrar que a identidade cacauzeira sul-baiana foi construída, em dado momento, a partir dos seus tempos áureos, quando “coronéis, jagunços, ruralistas, com seus costumes, tradições, crendices e superstições, compunham o painel humano da terra” (SIMÕES, 1998, p. 120). Desta forma, em meio à penúria, a figura opulenta de Hermógenes aparentava edificar tempos que não existiam mais.

Já em *A descoberta*, conta-se a história da garotinha Suzete, uma espécie de *menino de engenho zelinsdoregueano*, cuja família deixa a cidade para passar uns tempos nas roças, ante a crise da lavoura cacauzeira. Euclides Neto, em duas passagens, apresenta o perfil psicossocial da garota, típico de criança abastada da zona urbana. Na primeira, demasiadamente mimada:

O quarto de brinquedos de Suzete entulhado de brinquedos – nas estantes que forravam as paredes e pelo chão. O resto entupia o fundo da garagem. Alguns deles ainda nem tocados e outros continuavam nos embrulhos fechados. Tantos que a mãe da menina separava vários para dar de presente a outras crianças [...]. A bagagem de mudança não coube em dois caminhões. E muitas bonecas, até uma coleção de Barbies, bolas de camurça, ursinhos felpudos, bóias de banho de mar, baldinhos, só numa picape para levar a tralha miúda (NETO, 2001, p. 129)

Na segunda, já morando na fazenda, superprotegida pelos cuidados maternos, no contato com a natureza e outras gentes:

Logo no começo, a patroinha nem saía de casa. Corria de bicicleta de quatro rodas no varandal que emoldurava a casa-sede. Chegou a passear pela chácara, bem protegida com a botinha, creme contra mosquitos, e uma babá cautelosa (remanescente da riqueza) segurando-lhe a mão, vigilante. [...] A mãe recomendava: – Olha espinho, marimbondo, cobra, formiga...

Certo dia, saíram pelo caminho que dava no ribeirão, onde a rapaziadinha dos trabalhadores tomava banho. Levava novas recomendações: – Olha o sol, voltem antes das 10 horas – depois,, o sol não faz bem! Passe o creme, sobretudo no nariz, você é muito branca. Não deve ir até o rio. Se for, não molhe os pés, tem sistosoma e vermes que essa cachoeirazinha deixa por toda parte. Repare as cobras! Você, minha filhinha, tem a saúde muito frágil, não está acostumada com essas coisas de roça. Não pode comer jaca, porque fica fedendo a pobre e é ração de porco. Seu estomagozinho não suporta. Leve uma garrafinha de água mineral, Carmela, e uns biscoitinhos para ela, se sentir fome ou sede. Olha o carrapato. É bom passar repelente! Nada de correr, para não se machucar. Ouviu, Carmela? Também não se aproxime dos meninos que encontrar – têm a boca porca de nomes feios, falam errado. Longe deles. Ouviu Carmela?

– Sim, senhora.

– Não deixe ela pegar em mato, pode ser cansação, nem em flor, que sempre tem abelha, formiga e marimbondo. [...] Ouviu, Carmela? Mas ouviu mesmo?

– Ouvi, sim senhora. (NETO, 2001, loc. cit.)

Todavia, bastou o primeiro contato de Suzete com as “coisas da roça” e as outras crianças, certamente elementos de nova cultura, para que a garota fosse influenciada e assumisse nova identidade. Um distanciamento do mundo dos pais em detrimento da aproximação do mundo dos moleques pobres das roças de cacau. Um mundo de possibilidades que surge aos olhos da garota, no caso toda diversidade que compõe a

identidade cultural da região cacauzeira do Sul da Bahia. Esse excerto mostra alguns elementos naturais e sociais:

As meninas pulavam dos galhos da ingazeira que se derramava sobre as águas. Outras nadavam. Uma de sua idade estava com uma fieira de piabas no gancho fino de maria-preta. No meio, uma pequena traíra que a pescadora mostrava orgulhosa junto a um caco cheio de iscas do chão. Nos ares soavam os gritos enfeitados com os nomes da alegria. Uma jaca mole abria-se na margem e duas meninas arrancavam os bagos, deixando-os escorrer pelo canto da boca. Nem os caroços perdiam, porque os jogavam certos nos que estavam na corrente, que tinham de mergulhar para se livrar deles. Tudo era felicidade à sombra das gameleiras, cajazeiras e ingazeiras. Também se ouvia a algazarra dos meninos machos no poço reservado a eles, no escondido, também nus, vadiando de cangas, galinha-gorda e brigas de faz-de-conta. Brincadeiras pesadas (NETO, 200, p.130).

Não houve vigilâncias da babá e reprimendas da mãe que contivessem o ânimo da menina. Não bastava para ela assistir a tudo, principalmente às ações das meninas de sua idade, que brincavam de “casinha” à sombra da jaqueira, transformando em utilidades domésticas objetos que apanhavam da própria natureza. Era preciso vivenciar, fazer parte do “outro mundo deslumbrante”. Bastou o convite de uma das meninas para o banquete que acabaram de aprontar, e já estava ela, com o descuido de Carmela, com uma pequena cuia nas mãos, saboreando o pitéu. Era outra menina.

Para desespero da mãe, esqueceu os brinquedos da casa-sede. Queria brincar como as outras meninas. O linguajar da ralé também foi assimilado. E o final da história surpreendente.

Ninguém a segurou mais na sede. Ficou rosada, engordava. Não podia ver jaca dura. À mesa, só queria comer de mão, fazendo bolinho de farinha. Chupava favos de jataí, quebrava as cabaças de cacau na madeira e arrancava os caroços como as companheirinhas. Comeu bananas pintadinhas, caídas naquela hora do pé.

– Menina, menina, você está se passando. Vai ficar de castigo.

Certo dia, a mãe aflita, perguntou:

– Você quer brincar de quê?

– Quero brincar de ser pobre, mamãe (ibid., p. 131).

Os dois contos analisados, sobretudo o segundo, permitem inferir que, tal qual a premissa de Hall, a construção da identidade não se dá biologicamente, mas historicamente. Isso significa que o indivíduo assume identidades desunificadas em momentos peculiares, levando-o a várias direções à medida que atua num determinado sistema cultural, ou seja, em sua cultura e com a sua cultura, o que lhe confere um caráter de multiplicidade.

CONCLUSÃO

No livro *O tempo é chegado*, evidencia-se o quanto o escritor contribui em suas narrativas para a construção e preservação da identidade cultural da região cacauceira sul-baiana, principalmente por meio dos processos de memorização individual e, sobretudo, coletiva, quando cria acontecimentos, personagens e lugares baseados em contextos sociais reais, que, no caso dessa obra euclidiana, são os tempos de apogeu e derrocada da civilização cacauceira sul-baiana.

É na memorização de momentos históricos marcantes que uma sociedade reconhece os seus traços identitários. Portanto, pode-se dizer que n'*O tempo é chegado* está compilada a visão histórica, e por que não afetiva, de Euclides Neto e sua gente grapiúna, cuja memória coletiva contempla o passado e o presente, conferindo a esse grupo o sentido de pertencimento. Noutras palavras, num modo abrangente, a memória se constitui como mecanismo de identificação humana, é a marca da sua cultura, aproximando os seus semelhantes e distinguindo um grupo dos outros, afirmando a sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1).

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NETO, E. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. 2.ed. rev. e ampl. – Ilhéus: Editus, 2002.

_____. *O tempo é chegado*. Ilhéus: Editus, 2001.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SEIXAS, C. *Dois momentos da obra de Euclides Neto*. Seara / Revista Virtual, Seabra, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em www.uneb.br/seara. Acesso em 20/03/2008.

SIMÕES, M. de L. N. *A ficção da Região Cacaueira baiana: questão identitária*. In: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões/Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes – N.º 1 (1997/1998) – Ilhéus: Editus, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis Vozes, 2000.